

OPINIÃO

Trabalho de preto

1 de Dezembro de 2019, 8:55



Vítor Belanciano

Há-os cada vez mais. Inquietos porque a negritude tem mais visibilidade e voz. Desconcertados porque as velhas narrativas colonialistas e escravagistas são postas em causa. Por vezes paternalistas com as razões igualitárias das mulheres. Contorcendo-se quando confrontados com direitos LGBTQ+. E quando se fala de crise ambiental, a partir de um ângulo crítico do capitalismo, acham que toda a gente é apocalíptica.

São maioritariamente de direita, mas também os há à esquerda. São antigos e novos defensores da velha cultura colonial, patriarcal e neoliberal. Alguns conscientemente. Outros não porque nunca questionaram algo que interiorizaram desde sempre. Agora são obrigados a confrontar-se. E estão confusos. O seu comportamento é sintoma de que estamos a viver um momento de reposicionamentos. [Há dias, na Gulbenkian, o ex-futebolista e pedagogo do racismo, o francês Lilian Thuram, falava disso](#). No tempo dos nossos avós havia mais racismo do que hoje, mas na actualidade há uma onda reactiva que perturba as relações sociais, por essa maior visibilidade e representatividade das identidades vistas por alguns como subalternas.

Criam-se novas conflitualidades? Sim. Há paradoxos, diferentes correntes e excessos em todas estas lógicas anti-racistas, feministas, ambientalistas ou de justiça social? Inevitavelmente. É de transformação que falamos e de hierarquias de dominação que durante anos foram interiorizadas sem serem contestadas. Quem até aqui as dava como adquiridas sente-se incomodado. Veja-se estes dias. [Uma deputada, Joacine Katar Moreira, revela falta de preparação e, ela e um partido, o Livre, expõem de forma inábil divisões](#). E o que sucede? Há críticas, justas, à barafunda política. Mas a reboque delas, o que se entrevê em muitos casos, são invectivas moralistas, comportamentais, culturais. Racismo.

Um racismo nunca reconhecido porque naturalizado. E que facilmente é aproveitado por populismos. Num tempo em que os modelos económicos revelam debilidades, onde o crescimento económico é mais quimera do que realidade, as atenções são desviadas. Estigmatiza-se alguns grupos para reforçar uma identidade nunca nomeada. São sempre os outros (“os de cor”) os designados, com o propósito de reavivar estruturas de privilégio que não se expõem, nem sequer se vêem, como identidades.

Dessa forma legitima-se um discurso estigmatizador e reforçam-se categorias de dominação. O grande desafio, para quem defende uma outra visão da realidade, é mostrar que todas estas lógicas estão ligadas, enraizadas num mesmo sistema socioeconómico e político em erosão. É isso que pode articular a procura de maior justiça social, a luta contras as desigualdades ou as lutas feministas, anti-racistas ou ambientalistas.

O racismo é muito mais do que um problema de pele. Está ancorado no sistema socioeconómico e político. Isso mesmo é reflectido neste momento, em Lisboa, no espaço Hangar, [numa exposição do](#)

[artista luso-angolano Nástio Mosquito](#). Não há respostas, mas inquietudes. “Toda a finança canta o trabalho de preto / Mas toda a Europa chora o trabalho de preto”, canta o músico B Fachada, na canção-título da exposição (*Trabalho de Preto*), confrontando-nos com as conotações de uma expressão racista e esclavagista, ao mesmo tempo que nos faz pensar como tantos de nós (brancos precários, trabalhadores remediados, mulheres discriminadas ou imigrantes deixados à sua sorte) apesar das experiências muito diferentes, vivemos sobre os mesmos esquemas.

Hoje existe quem teorize sobre aquilo que se caracteriza como a “negrificação do mundo” — [Thuram nomeou isso na Gulbenkian](#) — e a planetarização dessa condição que extravasa identidades biológicas ou sociológicas. Ou seja, sejamos negros ou não o sistema económico trata-nos a todos como negros. Talvez valha a pena pensar e agir sobre isso.